
HABITA EM NÓS UMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A PROPÓSITO DO SUBPROJETO DE GEOGRAFIA DA UEMA

HOUSES A PEDAGOGICAL RESIDENCE IN US: PURPOSE OF UEMA'S GEOGRAPHY SUB-PROJECT

Poliana dos Santos de Carvalho¹
José Arilson Xavier de Souza²

RESUMO: Do cumprimento das atividades referentes ao Programa Residência Pedagógica – agosto de 2018/janeiro de 2020 –, afirmamos que *habita* em nós um significativo conjunto de experiências no tocante à formação docente, e aqui *abriremos as portas* para que se tenha acesso à parte desses saberes. A propósito do subprojeto do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís-MA, faremos uma breve apresentação do mesmo e, na sequência, lançaremos luz sobre as experiências de uma residente, a saber, da autora número um deste artigo.

Palavras-chave: Programa Residência Pedagógica. Formação de Professores. Geografia Escolar. Universidade Estadual do Maranhão.

ABSTRACT: From the fulfillment of the activities related to the Pedagogical Residency Program – august 2018/january 2020 –, we affirm that a significant set of experiences with regard to teacher training *resides* in us, and here *we will open the doors* for access to part of these knowledges. Regarding the subproject of the Geography Course of the State University of Maranhão (UEMA), São Luís-MA, we will make a brief presentation of it and, next, we will shed light on the experiences of a resident, namely, the author number one of this article.

Keywords: Pedagogical Residency Program. Teacher Training. School Geography. Universidade Estadual do Maranhão.

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís-MA. Atuou como residente pelo Programa Residência Pedagógica, subprojeto do Curso de Geografia UEMA. E-mail: poli8340@gmail.com.

² Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís-MA. Atuou como professor orientador pelo Programa Residência Pedagógica, subprojeto do Curso de Geografia UEMA. E-mail: arilsonxavier@yahoo.com.br.

Artigo recebido em março de 2020 e aceito para publicação em maio de 2020.

1 ABRIR AS PORTAS

Em vez da escola massacrante e sua Geografia mnemônica, queria mostrar que a escola pode ser diferente e a Geografia, ao invés de tétrica, pode ser poética.

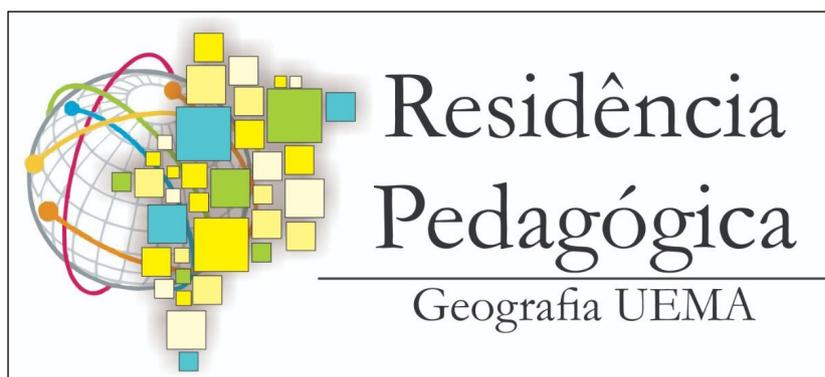
Manoel Fernandes, no livro “A aula de geografia e algumas crônicas” (SOUSANETO, 2008), de onde retiramos a epígrafe acima, revela-se como um professor preocupado em combater a aspereza da geografia escolar, e o faz lançando mão da palavra poética, poesia esta que versa sobre ver e fazer da escola e da sala de aula ambientes felizes, sem, é claro, deixar de considerar os desafios diários que se impõe à profissão docente.

No trabalho com o Programa Residência Pedagógica, subprojeto de Geografia UEMA, São Luís-MA, percebemo-nos com sentimento concordante ao de Manoel. Do cumprimento das atividades referentes ao Programa, entre agosto de 2018 à janeiro de 2020, foram muitas as experiências pelas quais passamos, daí, utilizando-nos de um trocadilho com referência à *residência*, afirmamos que *habita* em nós um significativo conjunto de experiências no tocante à formação de professores de Geografia. Da primeira autora deste artigo, as experiências dizem respeito à atuação como residente. Já quanto ao segundo autor, as experiências estão relacionadas com as atividades desenvolvidas enquanto orientador.

Assim, a primeira seção desta comunicação científica reserva-se a fazer uma breve apresentação do subprojeto supracitado, cujos projetos de intervenção pedagógica e um evento promovido pelo próprio subprojeto são privilegiados. Por sua vez, a segunda seção busca desvelar a *experiência poética* vivida por uma residente no seio da escola e das salas de aula nas quais imergiu. Falamos em “poética” por ter sido possível perceber o movimento crescente e autocrítico da residente enquanto professora em formação, alguém que em seu trabalho de conclusão de curso³ narra como foi, ao longo do espaço e tempo da residência pedagógica, se percebendo melhor enquanto professora de Geografia.

2 DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: O SUBPROJETO DE GEOGRAFIA UEMA

“Escola residência e raciocínio geográfico: formação do(a) professor(a) de Geografia em São Luís -MA” foi como intitulamos o subprojeto de Geografia da UEMA referente ao Programa Residência Pedagógica (Figura 1).

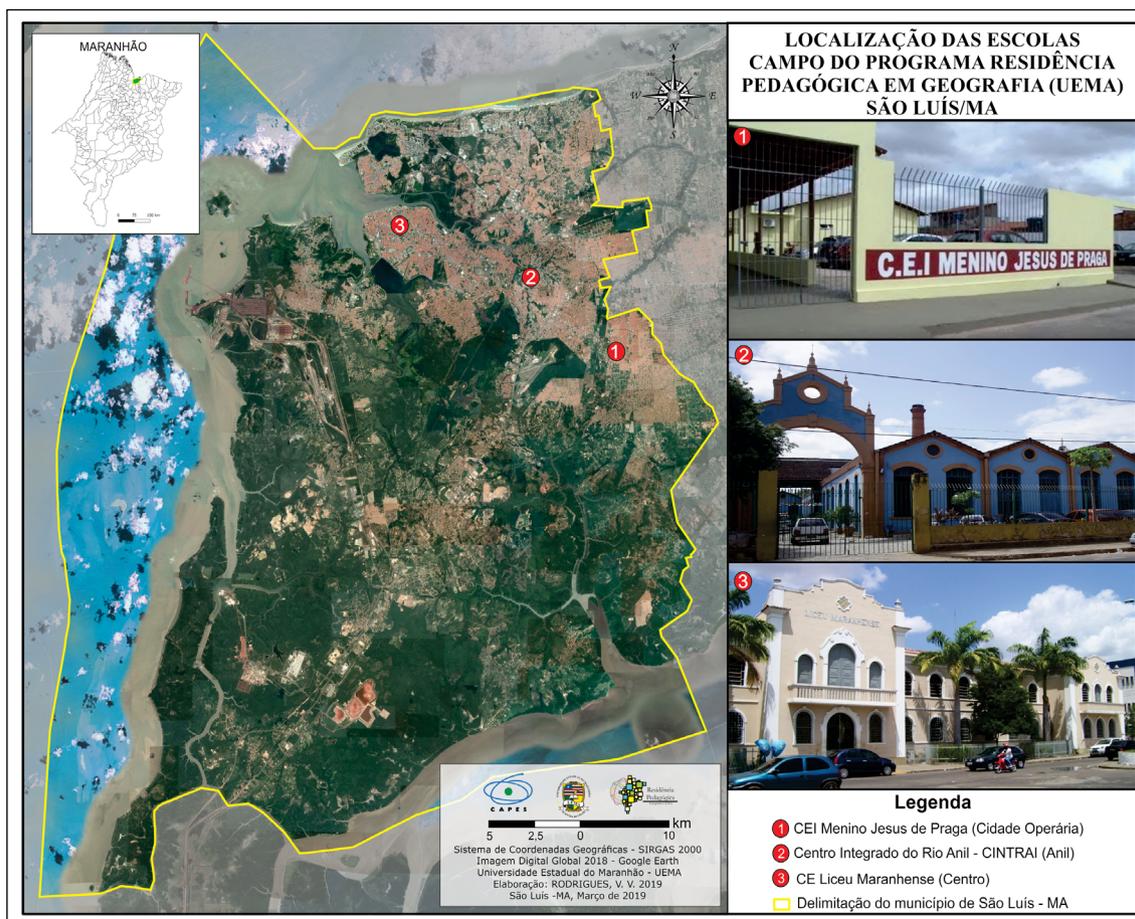


Fonte: Arquivos do subprojeto de Geografia RP-UEMA, 2018.

Figura 1. Logotipo do subprojeto de Geografia RP UEMA.

O Programa Residência Pedagógica corresponde a uma iniciativa do Governo Federal criado pela Portaria nº 38, de 28 de fevereiro de 2018 e efetivada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Segundo o edital de abertura do Programa, o mesmo diz previu a finalidade de induzir, fomentar e acompanhar a formação inicial e continuada de profissionais do magistério, possibilitando a imersão de licenciandos em escolas de ensino básico do país (BRASIL, 2018).

A saber, segue a relação das escolas-campo da capital maranhense com as quais desenvolvemos parceria de trabalho:CEM Liceu Maranhense, localizada no centro da cidade, a 15 km da UEMA;Fundação Nice Lobão-CINTRA, que se encontra no bairro Anil, a 6 km da UEMA; CEIN Menino Jesus de Praga, situada no bairro Cidade Operária, a 1 km da UEMA (Figura 2).



Fonte: SOUZA, 2019. Digitalização de Vanderson Rodrigues, 2019.

Figura 2. Localização das escolas-campo do subprojeto de Geografia RP UEMA.

Tendo contado com uma equipe variável de 31 agentes – um orientador, três preceptores e vinte e sete residentes⁴ (Figura 3) –, o subprojeto, como indicado pelos editais Capes nº 06/2018 e Prog/Uema nº 12/2018, teve como premissa oportunizar e problematizar, na teoria e na prática, o conhecimento sobre escola para os professores em formação (residentes), com base nos saberes-fazer dos professores de profissão (preceptores), como preconizam, por exemplo, Donald Schön (1992) e António Nóvoa (2007).



Fonte: Arquivos do subprojeto de Geografia RP-UEMA, 2018.

Figura 3. Integrantes do subprojeto de Geografia RP/UEMA.

Dos objetivos levados a cabo por meio do subprojeto, destacamos alguns: aperfeiçoar a formação teórica e prática dos licenciandos do Curso de Geografia da UEMA, estreitando, por meio da residência pedagógica, relações entre a IES e o universo geográfico-escolar ludovicense; propiciar análises críticas e diagnósticas acerca dos desafios e paradoxos relacionados à prática profissional docente em termos de ensino e aprendizagem da Geografia; preparar o discente para que atue ativamente nos contextos de formação humana durante o tempo da residência pedagógica, se reportando, assim, ao mundo do trabalho; estimular o protagonismo das redes ensino na formação de professores, referindo-se mais especificamente aos saberes e experiências escolares da docência em Geografia.

No sentido de contribuir para o desenvolvimento social, em sua essência, o subprojeto entendeu que a universidade tem a função de construir conhecimentos e formar professores aptos para bem atuarem no contexto das comunidades. Acreditou-se que, por em virtude de problemas de ordem política, econômica e cultural, a escola brasileira necessita de um tipo de profissional comprometido com mudanças. Sobremodo, apostamos na ideia de que o aluno em formação docente deve ser alimentado de anseios capazes de fazer frutificar projetos educacionais significativos no âmbito de seus espaços de vida.

São muitos os problemas sociais expressos nos bairros das cidades brasileiras, como é o caso da cidade de São Luís. Pobreza, insegurança, falta de boas condições sanitárias, limitadas opções de lazer e cultura e desequilíbrios socioambientais são alguns dos que marcam a realidade desses espaços. Por certo, a educação cumpre função primordial para atenuar os complicadores sociais mencionados. Neste cenário, ganha relevância a atuação profissional dos professores de Geografia, que, com seus projetos de educação geográfica, podem intervir para que a vida na sua dimensão espacial seja raciocinada inteligentemente, prezando pela justiça social (CAVALCANTI, 1998; VESENTINI, 2004).

2.1 Sobre os projetos de intervenção pedagógica

No bojo da discussão anterior, a par de outras etapas do RP⁵ – como o curso de formação dos residentes e dos preceptores, o processo de ambientação nas escolas e nas salas de aula, a realização das regências, a construção de relatórios e a avaliação e a socialização das experiências alcançadas –, chamamos atenção para os projetos de intervenção pedagógica desenvolvidos nas escolas-campo assistidas pelo subprojeto de Geografia da UEMA. Em consonância com as demandas das escolas, entre março e junho de 2019, tais projetos, sob a lógica de educar geograficamente, movimentou uma série de alunos das escolas, desenvolvendo atividades que prezaram por colocá-los como protagonistas dos processos de ensino e aprendizagem buscados (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998).

“Ti orienta piqueno(a)” e “De ver a cidade” foram os projetos que os residentes e a preceptora Luciana Castro desenvolveram na Escola CINTRA; “Maranhão, meu tesouro, meu torrão” e “Você colhe o que planta” dizem respeito aos projetos desenvolvidos na Escola Menino Jesus de Praga, com coordenação dos residentes e da preceptora Aleandra Carla; “A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer leitores” e “Sentir: Música & Geografia” foram os projetos que o Liceu Maranhense recebeu, sob coordenação dos residentes e do Preceptor Raimundo Jorge (Figura 4).



Fonte: Arquivos do subprojeto de Geografia RP-UEMA, 2019.

Figura 4. Logotipos dos projetos de intervenção pedagógica.

No que pese detalhar todos os direcionamentos de trabalho dos projetos, o que nos caberá em outra oportunidade, seguindo a ordem posta acima, pontuaremos os objetivos gerais de cada um deles: contribuir para melhorar a capacidade de localização e orientação dos alunos da Escola CINTRA, associando saberes de caracteres cartográficos e o uso de imagens diversas, sob a intenção de estimular o raciocínio espacial; possibilitar diferentes formas de fazer ver a cidade de São Luís-MA, usando metodologias e conteúdos que privilegiem os espaços vividos e as interpretações dos alunos, tendo a paisagem como conceito norteador; estudar as espacialidades e as relações sociais da cultura popular maranhense de bumba meu boi, fazendo expandir os conhecimentos dos alunos do CEIN “Menino Jesus de Praga” e da comunidade escolar; despertar a criticidade acerca de temas relacionados ao espaço do campo, a fim de estimular o cultivo de hortaliças, aproveitando, assim, a existência de uma horta na Escola; intensificar os momentos de leitura, sobretudo, de cunho geográfico, entre os alunos do CEM Liceu Maranhense, mantendo, assim, a ideia de que os livros ampliam os horizontes de vida daqueles que se permitem a tal aventura; estimular nos alunos do CEM Liceu Maranhense o *sentir* a música por meio de seus conteúdos pretensamente geográficos, proporcionando análises de letras musicais, para, assim, obter novas interpretações sobre paisagens e lugares vividos.

Destacamos que muito das atividades desenvolvidas por esses projetos foram socializadas durante o *Entre*, evento idealizado e promovido pelo próprio subprojeto de Geografia, sobre o qual nos deteremos agora.

2.2 O evento *Entre*

Por ora, discorreremos sobre uma matéria especial do subprojeto: o “Entre, a Residência Pedagógica em Geografia UEMA é sua: Relatos de Experiências” (Figura 5), evento que aconteceu na UEMA, cidade de São Luís, prédio do Curso de Geografia, no dia 20/08/2019.



Fonte: Arquivos do subprojeto de Geografia RP-UEMA, 2019.

Figura 5. Banner do evento *Entre*.

O *Entre*, como caprichosamente passamos a nominar o evento, objetivou proporcionar um encontro de formação e de troca de experiências entre coordenação institucional do RP UEMA, orientador do subprojeto de Geografia, preceptores, residentes, comunidade escolar, representantes de outras IES e alguns parceiros.

Foi da necessidade de troca de experiências sentida pelos integrantes do Programa Residência Pedagógica em Geografia da UEMA que nasce a ideia do evento. Assim sendo, julgávamos que o referido Programa oportunizava vivências e experiências singulares, umas exitosas, outras não, mas que, no conjunto, configuravam saberes significativos e possíveis de permitir (re)pensar a prática e a formação de professores de Geografia.

Metodologicamente, o evento se traduziu como um momento de formação para todo o público presente e, para tanto, se pautou de modo que esta formação fosse alcançada mediante relatos e problematização de experiências. Neste sentido, as mesas redondas se apresentaram como ocasiões ímpares. Exposição de materiais referentes aos projetos de intervenção pedagógica desenvolvidos nas escolas campo e uma apresentação cultural também fizeram jus ao conceito de formação ensejada⁶.

Além da participação de profissionais da UEMA, o evento contou com a colaboração de palestrantes vinculados à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), à Universidade Federal do Ceará (UFC), à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e à Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA/Sobral/CE), bem como teve a participação de residentes do Programa Residência Pedagógica em Geografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o que contribuiu significativamente para que pudéssemos alargar os horizontes de discussão sobre a temática debatida.

Ademais, enquanto comunidade escolar, o que revelou aproximação entre IES e a rede estadual de ensino, o evento teve como participantes professores de Geografia e alunos das escolas-campo do subprojeto de Geografia da UEMA. Não obstante ao período restrito de um só dia de evento, a intenção estava em fazer com que a Universidade fosse frequentada pelos alunos e professores das escolas, agentes que muito nos ensinam sobre educação. E, para fins de enriquecimento do debate, transpondo os *muros* da Geografia, contamos também com a participação de palestrantes da área de Pedagogia, profissionais que conhecem por demais o *chão da escola*.

Do enlace da programação é possível perceber o esforço empreendido para bem *abrirmos as portas* da Residência Pedagógica em Geografia, proporcionando uma análise interna e externa do Programa. Formação de professores e ensino de Geografia, Residência Pedagógica e estágio supervisionado, o Programa Residência Pedagógica em outras IES, experiências dos preceptores e dos residentes e projeto de intervenção pedagógica despontaram como temas fundamentais.

Cabe salientar que os residentes que se apresentaram em uma das mesas redondas—Mesa IV: “Entre paredes para (re)ver a profissão e o mundo: as experiências de residentes, professores em formação” (Figura 6) — compuseram, sob indicação dos professores preceptores e em acordo com o professor orientador, a comissão organizadora do evento.

Por fim desta seção, ressalta-se que todas as falas dispensadas durante as mesas redondas do evento foram gravadas. A iniciativa correspondeu com as atividades de pesquisa, para fins de trabalho de conclusão de curso, de um dos residentes do subprojeto de Geografia. Da autoria de Alex Pereira da Silva, defendido em dezembro de 2019, tal trabalho teve como título “Entre: a Residência Pedagógica em Geografia UEMA é sua, é minha: em formação na Escola Menino Jesus de Praga (São Luís-MA)”.



Fonte: Arquivos do subprojeto de Geografia RP-UEMA, 2019.

Figura 6. Mesa composta por residentes do subprojeto de Geografia UEMA (*ENTRE*).

3 RESIDIR PEDAGOGICAMENTE: EXPERIÊNCIAS ENTRE A UEMA E A ESCOLA CINTRA

Quem também residiu pedagogicamente e escreveu o seu trabalho de conclusão de curso com base nessa sua experiência foi a primeira autora deste artigo, sendo esta orientada pelo segundo autor. Com um trabalho que teve como título “Habita em mim uma Residência Pedagógica em Geografia: experiências entre UEMA e a Escola CINTRA”, Poliana dos Santos de Carvalho propôs um texto de conotação narrativa, com formas que se aproximam de uma (auto)biografia experiencial pensada como uma contribuição sensível e complexa à formação docente (OLIVEIRA, 2011).

O texto, também defendido em dezembro de 2019, revela palavras preches de sentimentos e que nos dizem sobre uma professora em formação que teve a sua visão de docência ressignificada durante o espaço e o tempo da residência pedagógica, surgindo daí a aspiração de registrar e compartilhar tais experiências vividas dentro da escola. Para efeitos de demonstração do que está sendo dito, logo do resumo do trabalho, atentemos para a seguinte colocação: “*ao mesmo tempo em que residia, era na escola uma professora, porque assim me sentia e tocava-me a vontade de fazer desses momentos um trabalho de conclusão de curso: eu, professora pesquisadora*”.

Ao reconhecer possíveis críticas ao tipo de trabalho empreendido como objeto de conclusão de curso, a autora, à bem da verdade, objetivou apresentar detalhes do RP e do dia a dia da escola básica, revelando como esta experiência foi se construindo em seu ser professora, nas suas percepções e nas suas relações com os alunos, com os professores, com a coordenação pedagógica e com a comunidade escolar, entre outros agentes. É a partir das palavras da professora pesquisadora em tela que apresentamos as análises que se seguem, o que explica, a fim de manter as ideias originais, o uso da escrita em primeira pessoa do singular e a utilização de alguns termos em grifo itálico.

3.1 Na UEMA e com o pé na residência: primeiras impressões sobre o RP, a decisão de participar do Programa e o curso de formação de residentes

Quando ouvi falar pela primeira vez do Programa Residência Pedagógica, final do primeiro semestre de 2018, imediatamente me veio à lembrança a residência médica, de tal modo que logo imaginei que a residência pedagógica tivesse características semelhantes. A saber, mesmo na Universidade não se sabia muito a respeito, pois se tratava de um Programa pioneiro, pelo menos no formato e na extensão pela qual se desenvolveria.

Adiante fui entendendo que o RP viria para proporcionar ao professor em formação(residente) a chance de tornar-se menos distante da práxis docente, fazendo comungar teoria e prática, como mostra um dos seus principais objetivos:

Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnósticos sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias (BRASIL, 2018, p. 1).

Depois de ter tido acesso e lido o edital de lançamento do RP, eu me indagava: este Programa diminuirá a lacuna existente entre a universidade e a escola, ao contribuir para o fortalecimento do sistema público de ensino e ao proporcionar o que eu chamo de *conhecimento de causa escolar*? Naquele contexto, eu sentia que poderia ser interessante experimentar *aquilo*.

Com a inserção do RP na UEMA, nascia ali uma oportunidade singular para os alunos que sempre sonharam em seguir a profissão docente, como no meu caso, mesmo que este sentimento ainda não fosse tão claro para mim. Refiro-me a uma oportunidade para vivenciar a escola e a sala de aula de *modo diferenciado*, para assim então ser possível *sedescobrir na profissão*, mesmo antes de atuar profissionalmente.

Todavia, ser ou não residente ainda era uma questão para mim. A tarefa de fazer escolha nem sempre é fácil, pois envolve mudanças, e essas quase sempre vingam nas formas como nos postaremos na vida futuro. Em algumas pessoas esse quadro pode gerar insegurança, e a decisão que eu tinha que tomar provocava exatamente isso em mim. Com a possibilidade de seguir outros caminhos na universidade, como a iniciação científica, teria, eu, que escolher o *melhor* caminho.

Decidir pelo RP não me livraria do questionamento “e se não der certo?”, e isso se explicava também porque não sabíamos o que significava ao certo ser residente numa escola. Curiosamente, não sei explicar muito bem, a Geografia, talvez por tratar pedagogicamente de *assuntos do mundo*, me encorajaria a optar por estar por mais tempo no *mundo da escola*. As conversas que travei comigo mesma, com os colegas e com alguns professores pareciam acender em mim a vontade de ter aquela experiência por ora vislumbrada.

Em meio ao vislumbre, ponderei várias questões, pois, por exemplo, não sabia da existência do RP em outros estados: sendo o Programa pioneiro, em que isso implicaria? Qual a chance *daquilo* dá certo na UEMA? E como se desenrolaria no curso de Geografia?

Hoje compreendo que tais ponderações tinham a ver com o meu desejo de ter uma boa formação inicial docente. De tal modo, *oquerer ser professor* apreponderou, e tendo que decidir, o fiz pelo Programa Residência Pedagógica (em Geografia).

Depois de todos os tramites da seleção, pude então dizer: sou residente! Entretanto, antes de adentrar à minha escola-campo, precisei passar por mais uma etapa: o curso de formação de residentes, cujo tema central era formação docente em Geografia. Com efeito, formação de professores, práxis docente, ensino de geografia, educação geográfica, escola como espaço de vivências e significações sociais e desafios docentes na contemporaneidade foram algumas das discussões desdobradas na oportunidade.

O curso, ocorrido em agosto de 2018, contou com uma carga horária de 20h, dividido em cinco encontros, e foi desenvolvido na UEMA com os residentes selecionados para o subprojeto de Geografia. Na ocasião, as discussões foram desenvolvidas tendo por base quatro referências textuais, quais sejam: “Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo”, de António Nóvoa (2007); “Devolver a formação de professores aos professores”, também de António Nóvoa (2012); “A formação de professores de Geografia – o lugar da prática de ensino”, de Lana de Souza Cavalcanti (2003); “A geografia escolar e a sociedade brasileira contemporânea”, também de Lana de Souza Cavalcanti (2011).

Transcorrido ora coletivamente, ora por meio de grupos de estudos focais, cada um representando uma escola-campo, o curso de formação de residentes serviu para que fôssemos instigados a compartilhar as ideias que tínhamos sobre a profissão docente, intencionando com isso refazer as nossas *verdades* sobre o tema. Apoiando-se vez ou outra nos ensinamentos do *mestre* Paulo Freire, lembrado pela contribuição exercida à pedagogia, o curso, através da condução e fala do orientador, me fez sentir, decisivamente, a potência das palavras do autor e educador citado, cujo um trecho emblemático de sua “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” diz: “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p. 23).

Para além do referido curso, nos dito que todo o tempo de RP deveria ter este caráter de formação mútua, algo que me marcou bastante. Pensando a formação por aquela perspectiva, pude entender (melhor) que a escola é um ambiente de formação para *todo mundo* que está ali e que uma pedagogia da esperança levada a cabo jamais desconhece este imperativo humano-social de tal ambiente (FREIRE, 2019).

Enfim, considero salutar a experiência de ter participado do curso de formação de residentes. Foi interessante até perceber o misto de entusiasmo e medo traduzidos nas falas dos residentes, nas quais me incluo. Se for verdade que saímos do curso com uma sensação de termos obtido uma boa formação, também o é que carregamos conosco o sentimento de não estarmos totalmente preparados para entrar em sala de aula⁷, o que eu passei a ver com bons olhos: na minha concepção, perceber a incompletude deve fazer parte dos saberes docentes, e foi assim, imbuída desta ideia, que cheguei à minha residência.

3.2 Chegada à residência pedagógica: a escola CINTRA, contatos com a preceptora e o processo de ambientação

Ser residente na escola CINTRA me fez sentir privilegiada. Com mensagens provindas de amigos, parte ex-alunos da escola, e de familiares, um deles ex-professor na instituição, eu tinha em mente que aquela era uma *boa* escola. Sabia eu, mais ou menos, da história do lugar. E foi com o RP, logo na minha primeira ida lá, setembro de 2018, que percebi o quão era grande o seu interior. De fato, era encantador imaginar que naquele espaço funcionou pujantemente uma fábrica têxtil⁸. A arquitetura, preservada até hoje, dá conta deste testemunho visível, ao ponto de que era fácil e constante para mim a seguinte

costura de pensamento: aqui antes se fabricava tecidos e hoje se *fabricacidadãos*, cada um no seu tempo e com seus saberes, mas no mesmo espaço.

Considero como esplêndido este primeiro encontro na escola, afinal, conseguia eu ter as *minhas* impressões da escola, pisando no seu chão. Agora eu me encontravainserida naquele contexto e, de algum modo, fazia parte do CINTRA, e refletia: esta escola será meu campo de formação, onde participarei de projetos e ministrarei aulas de Geografia. Naquela altura, um turbilhão de sentimentos me possuía, dentre os quais, alegria, medo e gratidão.

Ainda sobre o primeiro encontro dos residentes na escola, no que tange ao acolhimento e a preocupação em nos dizer sobre a dinâmica da mesma, julgo que a condução da coordenação pedagógica foi exemplar. Esse momento inicial realmente faz diferença no transcorrer do processo de alunos *estagiários*, professores em formação inicial. Particularizando a discussão, dali em diante eu senti que a minha formação naquela *casa* seria promissora. Não a conhecia, mas quem também esteve presente neste trabalho de (re)conhecimento foi a preceptora de Geografia do nosso subprojeto.

A professora Luciana Castro era a preceptora de Geografia da escola CINTRA, a quem eu agradeço por ter sido um dos agentes mais importantes na minha formação. No alto de seus vinte anos de carreira profissional docente, sempre esteve disposta a me ajudar no meu processo de “lapidação” docente. Isso mesmo, lapidar, polir, refinar, uma vez que acreditamos, eu e ela, que cada ser humano tem algo de *professor*.

Durante o processo de ambientação ver a professora Luciana ministrando aula era muito prazeroso. Ela tinha pleno domínio dos conteúdos e sabia driblar as dificuldades do cotidiano de uma escola com deficiências materiais-pedagógicas. Mesmo quando as aulas me pareciam tradicionais, a sua palavra dava um tom desconcertante à monotonia aparente e, assim, a mensagem parecia chegar aos alunos. Parecia *mágica*.

Quanto à minha ambientação, no que se refere aos variados espaços da escola e com relação às pessoas que os compunham, por vezes me senti em posição excepcional, e isso porque estava ali para olhar as coisas acontecerem, relacionar-me com elas e aprender, aprender sobre, na e com a escola pública. Não era eu uma mera expectadora.

Retornando às “aulas” em si, afirmo que já na etapa de ambientação do RP a professora preceptora muito nos falava sobre a *arte* de dar aula, foi quando pude *saber melhor* o que eu já sabia: I. nem sempre a aula sairá como planejada; II. nem sempre a atmosfera da sala de aula favorecerá o uso das metodologias pensadas; III. dar aula também significa saber improvisar. Não raro vi isso tudo acontecer na minha residência pedagógica, e falo com a propriedade de quem a habitou atentamente.

3.3 Habitar a residência e vice-versa: regências das aulas de Geografia, relato de experiência no *ENTRE* e na rua pela educação

Uma das atividades mais marcantes do RP diz respeito às regências de aula, momento em que o residente, sob a visão do preceptor, *assume a sala* e tem que *tocar o barco*. Para alguns, eu me enquadrava facilmente neste grupo, as regências causam insônia, pensamentos que variam entre positivities e negatividades e frio na barriga. E chegara o momento para mim: eu, à frente da turma, como professora, regendo aula.

Dentre as aulas que regi, a primeira merece um capítulo à parte. Eu havia me preparado bastante, mas não me sai bem. Os alunos estavam dispersos. Eu sentia, no ato, que a minha

aula não agradava. Por ora, pensava eu que *precisava chamar a atenção* dos alunos, e o fiz gerando uma série de indagações sobre o tema da aula. Abro aqui um parêntese para lançar as palavras de Sacramento (2015, p. 18), para quem: “instigar os alunos por meio de perguntas é uma das estratégias de aprendizagem que permite a participação e o interesse na sala, além de pensar sobre o conteúdo ministrado”. Porém, a estratégia não funcionou, pois quase não obtive retorno dos alunos. Eu me perguntava: os alunos sabem o quanto legal é a Geografia? Permitam-me dizer, foi uma experiência horrível.

Quando acabou a aula, eu busquei demonstrar que havia gostado daquele tempo com eles, quando na verdade eu estava muito triste com a situação. Sai da escola me perguntando: é realmente isso que quero para a minha vida? Senti a desvalorização que a sociedade, ali representada pelos alunos, impõe aos professores. Ao chegar à minha casa, cai na tentação de tentar encontrar um culpado. Seria eu? Foram os alunos que não contribuíram? Não encontrei culpado e selei comigo uma espécie de pacto para que da próxima vez eu pudesse sair da sala com a sensação de *dever cumprido*.

Efetivamente, estava eu refletindo a minha prática de aula, e isso era louvável, afinal “o pensamento reflexivo é uma capacidade, não desabrocha espontaneamente, mas pode desenvolver-se. Para isso, tem de ser cultivado e requer condições favoráveis para o seu desabrochar” (ALARCÃO, 1996, p. 191). Como fazer aulas atraentes, eu me perguntava. Lembrei-me de como parecia fácil para a professora Luciana. Decidi então procurá-la.

Em conversa com a professora Luciana, sorridente e direta, logo ela me disse: “você já está tendo a primeira lição: pense como pode melhorar a sua aula”. Ali é como se a minha preceptora me dissesse: “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 43). E assim, seguindo aquela orientação, eu fui buscando melhorar sempre, pois este *sempre* é sempre necessário à profissão docente.

Sem entrar em temas das aulas, avalio que as minhas regências foram melhorando ao longo do tempo. A preceptora me dizia isso, bem como os rostos e o envolvimento dos alunos. Foi muito prazeroso sentir que contribuí com a formação de tantos jovens, que ao final de algumas aulas me cumprimentavam a fim de elogiar a minha aula, e falando que eu já podia ser professora. Que gratificante! Sem saber, os alunos faziam com que a cada dia eu gostasse mais da profissão e me *descobrisse* como professora.

Tive a chance de relatar parte dessas experiências no evento *Entre*, no qual palestrei na mesa redonda composta pelos residentes, evento e mesa já citados na seção 1.1 deste artigo. Falar num evento na UEMA foi um momento único e emocionante, admito. Estava ali eu e mais cinco colegas residentes – representantes das escolas-campo –, numa bancada de um auditório no qual sempre vimos os nossos professores e/ou os professores visitantes falarem. Na ocasião, discorremos sobre os processos de ambientação nas escolas e nas salas de aula, sobre as regências e a respeito dos projetos de intervenção pedagógica, e de modo em que realçamos tanto as dificuldades encontradas quanto as experiências exitosas, sendo estas entendidas como partes de um mesmo conjunto de saberes.

Na minha fala, destaquei o meu crescimento enquanto professora e defendi a continuidade do Programa Residência Pedagógica, para que assim outros licenciandos pudessem ter tal experiência de formação. Àquela época, agosto de 2018, o cenário político brasileiro era instável quanto ao tema educação. O novo governo dispensava declarações que assustavam, anunciando, inclusive, uma série de cortes nos investimentos à educação pública. As universidades e os institutos federais eram objetos das declarações mais

inflamadas. Todo aquele quadro gerava no país descontentamento por parte da população, que foi às ruas, nos meses seguintes, protestar.

Em São Luís, Maranhão, eu, residente e professora de Geografia, fui às ruas pela educação e pelo RP. Fui porque, como diz Nóvoa (2007), lugar de professor não é só na escola, ele deve ocupar qualquer espaço no qual se tenha como pauta a educação. Entre outros momentos, em 14 de maio de 2019, em ato que movimentou o país, eu e meus amigos residentes fomos ao centro de São Luís protestar. Encaramos aquele dia como sendo um dia aula na rua. Acordamos cedo, fomos concentrarmo-nos na UEMA, pintamos cartazes e gritamos nas ruas, coisas do tipo: “sai, sai pra lá, no meu residência tu não vai tocar”.

NÃO FECHAR AS PORTAS E DEIXAR O VENTO CORRER

Não só a Geografia pode ser poética. A formação de professores (de Geografia) também o pode. A poética está em *não fechar as portas e deixar o vento correr*, como parece ter feito a residente, professora em formação, Poliana dos Santos, quando optou em participar do Programa Residência Pedagógica, quando não desistiu após o aparente fracasso de sua primeira regência, bem como quando foi às ruas lutar pelo Programa e pela educação.

O propósito deste artigo pode ser entendido como dual, pois buscamos apresentar em parte o subprojeto do Curso de Geografia da UEMA, São Luís-MA, referente ao Programa Residência Pedagógica, assim como lançamos luz sobre as experiências de uma residente do referido subprojeto. Contudo, cabe esclarecer que a primeira seção se fez necessária para que se entenda melhor a segunda seção. Ademais, mostrar como estruturamos o subprojeto pode também ser lido como um ato de *não fechar as portas* a fim de fazer o *vento correr* melhor em outras residências, afinal o Programa terá uma nova versão, com o edital Capes nº 1/2020 já lançado.

Acreditando no movimento dos *bons ares* pelas escolas do Brasil, ao reconhecermos a importância dos professores na escalada rumo a outras realidades, encerramos nossas palavras aqui como iniciou a *Tia Poli*⁹ o seu trabalho de conclusão de curso, com música, com esta que a marcou desde quando a ouviu pela primeira vez:

*Professores
Protetores das crianças do meu país
Eu queria, gostaria
De um discurso bem mais feliz
Porque tudo é educação
É matéria de todo o tempo
Ensinem a quem sabe tudo
A entregar o conhecimento
Ensinem a quem (pensa que) sabe de tudo
A entregar o conhecimento*

*Na sala de aula
É que se forma um cidadão
Na sala de aula
Que se muda uma nação
Na sala de aula*

continua

*Não há idade, nem cor
Por isso aceite e respeite
O meu professor*

*Batam palmas pra ele
Batam palmas pra ele
Batam palmas para ele que ele merece!*

Anjos da guarda, adaptado parcialmente de Leci Brandão, 1995.

NOTAS

3 Ver: CARVALHO, Poliana dos Santos de. *Habita em mim uma Residência Pedagógica em Geografia: experiências entre UEMA e a Escola CINTRA*. 91 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA. 2019.

4 Em esclarecimento, o edital Capes nº 06/2018 estabelece: *orientador* é o professor da IES responsável por orientar as atividades dos subprojetos; *preceptor* é o professor da educação básica, a fim à área do conhecimento do subprojeto, responsável pelo acompanhamento da residência pedagógica; *residentes* são os discentes licenciados das IES integrantes do Programa; *Escola-campo* é a escola parceira do Programa.

5 Cumpre salientar que assim era como alguns residentes se referiam ao Programa Residência Pedagógica.

6 Mais sobre o evento, inclusive acerca da programação, ver em: <https://entreuema.wixsite.com/rpuema>.

7 Ver melhor sobre esta pauta em: Antônio José Araújo Cruz; José Arilson Xavier de Souza. *Residência pedagógica em Geografia UEMA: desafios e expectativas*. In: VII Encontro Nacional das Licenciaturas e I Seminário Nacional do Programa Residência em Pedagógica, UECE, Fortaleza-CE, 2018.

8 Ver: SANTOS, Jean Carlos Louzeiro dos. *Do bater dos panos à sirene escolar: uma análise do bairro Anil à luz do lugar como tecido sociocultural*. 115 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA, 2020.

9 Longe de qualquer leitura trivial, assim era com a residente pedagógica Poliana dos Santos era carinhosamente chamada pelos alunos da Escola CINTRA.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto Portugal: Porto, Editora LDA, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital CAPES nº 06/2018. Programa de Residência Pedagógica**. Brasília, DF, 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 25. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MARANHÃO (Estado). Universidade Estadual do Maranhão. **Edital PROG/UEMA nº 12/2018. Programa de Residência Pedagógica**. São Luís, MA, 2018.
- NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: SINPRO, 2007. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso: 01 set. 2019.
- OLIVEIRA, Mariza Soares de. A potência das narrativas (auto)biográficas no processo de formação docente: uma constante (re)invenção de si e do mundo. In: FONTOURA, H. A. da (Org.). **Residência pedagógica: percursos de formação e experiências docentes na Faculdade de Formação de Professores da UERJ**. Niterói-RJ: Intertexto, 2011.
- SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. A mediação do conhecimento: a importância de se pensar o trabalho docente de Geografia. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos.
- ANTUNES, Charlies da França; FILHO, Manoel de Santana. M.S.(Org.). **Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2015.
- SCHÖN, Donald Alan. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SOUSANETO, Manoel Fernandes de. **Aula de geografia e algumas crônicas**. Campina Grande-PB: Bagagem, 2008.
- VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. São Paulo: Papirus, 2004.